

Da amefricanidade nos discursos literários negros: perspectivas cartográficas em torno dos tecnodiscursos sobre Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus / *On Amefricanity in Black Literary Discourses: Cartographic Perspectives on Technodiscourses about Lélia Gonzalez and Carolina Maria de Jesus*

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues*
Alejandra Judith Josiowicz**

RESUMO

Este artigo investiga as potencialidades do pensamento de Lélia Gonzalez para os estudos das múltiplas expressões discursivas de/sobre pessoas negras no Brasil. Para isso, empregamos duas estratégias de análise divididas em duas partes. Inicialmente, cartografamos os conceitos-chave de Gonzalez que manifestam suas reflexões teóricas seminais sobre cultura, gênero e linguagem, argumentando que suas teorizações sobre amefricanidade, feminismo afro-latino-americano e pretuguês compõem um arquivo conceitual para as análises de (con)textos negros. Em seguida, examinamos a produção tecnodiscursiva relacionada a Carolina Maria de Jesus e González, explorando como essas escritoras e suas trajetórias são nomeadas, narradas e lembradas em diferentes plataformas digitais. A metodologia envolve produção de *corpus* de pesquisa com enunciados sobre as autoras em vários idiomas e a análise quantitativa e qualitativa dos temas presentes nos *tweets*. Assim, recuperamos os sentidos histórico-sociais, vozes e contrapúblicos que emergem em torno delas, ampliando a compreensão das experiências contemporâneas de pessoas negras.

PALAVRAS-CHAVE: Amefricanidade; Lélia Gonzalez; Discurso literários negros; Feminismo negro; Tecnodiscurso

ABSTRACT

This article investigates the potentialities of Lélia Gonzalez's thought for studies of the multiple discursive expressions of/about Black people in Brazil. To do so, we employ two analytical strategies divided into two parts. First, we map out Gonzalez's key concepts that manifest her seminal theoretical reflections on culture, gender, and language, arguing that her theorizations on Amefricanity, Afro-Latin American feminism, and Pretuguese form a conceptual archive for the analysis of black (con)texts. Then, we examine the technodiscursive production related to Carolina Maria de Jesus and

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Instituto de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Bolsista Prociência (UERJ/FAPERJ), Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ), Proc. E-26/204.504/2024; <https://orcid.org/0000-0002-5653-6846>; felipe.fanuel.rodrigues@uerj.br

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Instituto de Letras, Departamento de Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Bolsista Prociência (UERJ), Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ), Proc. E-26/200.247/2023; <https://orcid.org/0000-0002-3525-1833>; alejandra.josiowicz@uerj.br

Gonzalez, exploring how these writers and their trajectories are named, narrated, and remembered on different digital platforms. The methodology involves building a research corpus through posts on the authors in various languages and the quantitative and qualitative analyses of the themes present in the tweets. In so doing, we unearth the sociohistorical meanings, voices and counterpublics that emerge around them, broadening the understanding of contemporary black experiences.

KEYWORDS: *Amefricanity; Lélia Gonzalez; Black literary discourses; Black feminism; Technodiscourses*

Este artigo explora as potencialidades teóricas do pensamento de Lélia Gonzalez para os estudos das múltiplas expressões literárias e linguísticas de pessoas negras no Brasil. Considerada uma das pensadoras mais representativas e inovadoras da tradição de intelectuais afro-brasileiros, Gonzalez foi uma pioneira da presença de pessoas negras na academia, desafiando desde cedo, por meio dos estudos, os “lugares sociais predestinados à população negra” (Ratts; Rios, 2021, p. 36). Em uma época em que não havia muitos afrodescendentes nos corpos docentes e discentes das instituições de ensino superior brasileiras, Gonzalez dedicou uma parte relevante de sua energia intelectual à reflexão crítica sobre questões de raça, gênero e classe.

Qual foi o principal impacto do legado epistemológico dessa intelectual orgânica? Segundo Raquel Barreto, Gonzalez “foi uma intérprete do Brasil, que elegeu a cultura como um espaço privilegiado de observação e análise do caráter amefricano da nossa identidade” (Barreto, 2018, p. 16). Assim, Gonzalez ousou (re)pensar a cultura e a sociedade brasileiras a partir da sua experiência como mulher negra, sendo, portanto, uma referência crucial para discutir a ética da poética, o texto do contexto, a política da crítica.

Se “os objetos literários que examinamos nunca são meramente literários, e as tentativas de vê-los dessa forma constituem uma desistoricização e despolitização de textos literários que devem ser examinados por seu conteúdo, papel e função ideológicos” (West, 1998, p. 56), então a literatura de pessoas negras demanda perspectivas teóricas derivadas de críticas antiessencialistas de contextos em que múltiplas identidades étnicas, raciais e sexuais são formuladas. Trata-se, portanto, de uma literatura que “vem trazer à cena pontos de vista que abalam a própria ideia de nacional, já que também problematiza a própria ideia de nós, oferecendo a nós leitoras e leitores um passado não constituído na submissão e no silêncio” (Felisberto; Miranda, 2023, p. 220). De releituras críticas e

criativas desse passado afroidentificado emergem espaços de reflexão e provocação propícios para a articulação de teorias e discursos inovadores.

Gonzalez contribui diretamente para expandir o gesto decolonial de questionar conceitos eurocêntricos e pronunciar formas de pensamento condizentes com as agências históricas africanas e indígenas. Como a afirmação dessa ancestralidade amefricana indica novos caminhos epistêmicos para as pesquisas literárias e linguísticas?

Na cartografia deste artigo, reconhecemos a relevância de Gonzalez para os estudos da literatura de pessoas negras a partir dos seus conceitos-chave, que manifestam o escopo de suas reflexões teóricas seminais sobre cultura, gênero e linguagem. Argumentamos, na primeira parte, que suas teorizações de amefricanidade, feminismo afro-latino-americano e pretuguês compõem um arquivo conceitual para a operacionalização das análises de (con)textos negros.

Na segunda parte, analisamos as práticas tecnodiscursivas que nomeiam, referenciam e citam Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus no Twitter – rebatizado como X em julho de 2023 –, como formas de intervenção e luta sobre os sentidos históricos, sociais e culturais, recuperando embates sobre raça, gênero e classe. Utilizamos a perspectiva da análise do discurso digital para pensar os discursos em torno das duas intelectuais como arenas para a formação, desconstrução e disputa de sentidos sobre a sociedade, a cultura e a memória na América Latina.

1 A poética da amefricanidade

Ao cunhar o sintagma América Latina, Lélia Gonzalez (2020) teorizou sobre o território em que nasceu e viveu para enfatizar a relevância das heranças africanas e indígenas na (trans)formação de culturas múltiplas e identidades diversas ao longo da história do chamado Novo Mundo. A esse solo invadido brutalmente por forças colonizadoras com um projeto de subjugação da vida ao poder da morte – como bem demonstra Achille Mbembe (2016) ao revelar a continuação dessa necropolítica na contemporaneidade –, o necropoder armado europeu deu o nome de América, em homenagem a Américo Vespúcio, o explorador italiano que emblemou a agressão sistemática do sistema colonial às terras e vidas ancestrais de negros e indígenas. O

emprego de termos como Áfricas e Abya Yala para (re)significar, respectivamente, os continentes banhados pelo Atlântico Negro, descoloniza os legados necropolíticos ao ressaltar as pluralidades das civilizações milenares que habita(ra)m aqueles territórios muito antes das invasões europeias.

Como alguém que “inaugura uma forma criativa e inovadora de se fazer ensaio no Brasil e apresenta novas chaves interpretativas para a nação” (Rios, 2021, p. 400), Gonzalez repensa o sintagma colonial ao descolonizar o significante e o significado na proposição Améfrica Ladina. Essa inovação criativa e conceitual africaniza a compreensão das Américas, articulada como Améfrica (o F emprestado de África) Ladina. A substituição do T pelo D em Ladina manifesta a verdade sobre uma latinidade inexistente. Ladino era um adjetivo utilizado no Brasil colonial para se referir a africanos e indígenas que os europeus consideravam aculturados, mas, ironicamente, o mesmo adjetivo denota astúcia e esperteza. O termo também faz referência à língua judaico-espanhola ou espanhol-sefardita, ou seja, imprimindo a racialização do judeu. Em outras palavras, a ladino-amefricanidade é uma proposta de descolonização da mente que nos permite ver as Américas em sua totalidade democrática e transnacional, indo além dos limites de geografia, língua e ideologia. Essa perspectiva decolonial centraliza a contribuição das pessoas e instituições negras e indígenas no processo histórico de criação de novos modos de ser, viver e pensar, rompendo com a lógica denunciada por Frantz Fanon de que “foi o colono que *fez e continua a fazer* o colonizado” (Fanon, 2005, p. 52).

O inesperado gesto de renomear o território em que vivemos a partir de reconfigurações semânticas provocadas pelas subjetividades dos subalternos reistoriciza as existências de pessoas e instituições que foram relegadas a processos de esquecimento e apagamento históricos pela opressão colonial. Ao descaracterizar o nome de Vespúcio com Améfrica, a renomeação proposta por Gonzalez vai além da tricotomia de Édouard Glissant (2013), que mantém intacto o nome América em Meso-América, Euro-América e Neo-América. Para Glissant (2013), haveria três espécies de Américas: a Meso-América dos povos autóctones; a Euro-América, que preservou usos, costumes e tradições europeus; e a Neo-América, que seria a América da criouliização, com prevalência da África. A manutenção do núcleo América nos três sintagmas nominais indica a força desse substantivo em torno do qual outros elementos foram adicionados para, em seguida, teorizar que há uma poética da diversidade inspirada em uma nova forma de ser e pensar

instaurada exatamente por aqueles que seriam os supostos perdedores da história. Assim, de maneira não prevista pelos poderes escravizadores, o sujeito africano escravizado “criou algo imprevisível a partir unicamente dos pensamentos do rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos” (Glissant, 2013, p. 18).

Para descrever as mesmas potencialidades daquilo que Glissant tratou como Neo-América, Gonzalez precisou afirmar o caráter africano da sua própria identidade. O Brasil, em seu entender, “é uma América Africana, cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *Améfrica Ladina*. [...] Nesse contexto, todos os brasileiros (e não apenas os ‘pretos’ e os ‘pardos do IBGE) são ladino-amefricanos” (Gonzalez, 2020, p. 127). Cônsua dos efeitos destrutivos do racismo institucionalizado na narrativa da falaciosa democracia racial brasileira, a teórica se propôs a entrar na arena política do poder da fala: “O risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados, [...] que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa” (Gonzalez, 2020, pp. 77-78).

Como categoria político-cultural, a amefricanidade se desvia do eurocentrismo da versão oficial da história para incorporar “todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada” (Gonzalez, 2020, p. 135). Sob as lentes da amefricanidade, são amplificados os aspectos culturais afro-diaspóricos. Ao centralizar a experiência histórica das pessoas negro-africanas, enfrenta-se a hierarquia racial e cultural por meio de um processo de construção de uma identidade étnica que reconhece a importância das heranças afroancestrais para a formação da Améfrica, vista como uma totalidade que rompe barreiras geográficas, linguísticas e ideológicas.

Em nossa leitura, a amefricanidade eclode na obra de Elizandra Souza, cuja poética ecoa as experiências de mulheres negras que vivem à margem do poder, mas que ressignificam suas vidas a partir de uma subjetividade afroidentificada. Em “Afiando as facas”, a poesia serve como uma arma para enfrentar os efeitos destrutivos das formas de racismo no Brasil.

Curvarei o meu insulto...
Aos pés da ignorância
Com a foice a fio...
Corta e cega até os olhos...
Oferenda de exílio de mulher africana... (Souza, 2012, p. 84).

A voz poética entra na arena ética das relações étnico-raciais no Brasil, insultada pela ignorância do racismo. Essa desvantagem não a impede de se reconectar com as relíquias de sua herança africana, simbolizadas em uma foice afiada. Esse instrumento significa a faca de Exu, que tem uma função ética na cultura iorubá e em suas expressões diaspóricas (Santos, 2016, p. 185). Na encruzilhada da sobrevivência, a faca que emerge da cabeça de Exu simboliza o poder da palavra para gerar novas oportunidades de existência, sinalizando o nascimento e o ciclo de vida de todos os seres vivos. Como a divindade que confunde os arrogantes, Exu engana os descuidados e faz tropeçar os poderosos. No simbolismo das tradições cristãs, a imagem de uma foice afiada também possui uma conotação ética.

Na poesia de Souza, essa foice ética é capaz de cortar e cegar o mal dos olhos racistas. Como símbolo máximo da sobrevivência da mulher amefricana, a faca representa a força e a beleza do corpo feminino negro. Essa (po)ética afroidentificada é descrita como uma oferenda de exílio de uma mulher africana. Ao se identificar com a afrodescendência, a voz poética reconstrói seus vínculos históricos com uma África (re)imaginada, evidenciando o poder da herança africana como uma arma cultural para combater o racismo e reconstruir narrativas de identidades negras. Dessa forma, pode-se identificar nessa poética uma expressão estética da amefricanidade.

Para Evaristo (2010), a poesia constitui um ato de narrar e transgredir as versões oficiais da história. Em um movimento decolonial, a arte poética não apenas escreve, mas também interpreta a história a partir das agências pessoais e coletivas daqueles que se encontram na base da pirâmide da ordem social legada pelos poderes colonizadores. Com essa apropriação da expressão poética, o poder de narrar se traduz em poder estético, capaz de recriar mundos pelas mãos de sujeitos conscientes de sua relevância histórica, o que caracteriza a própria condição amefricana.

2 O feminismo afro-latino-americano: uma expressão literária

A crítica antiessencialista e decolonial de Gonzalez engendra uma perspectiva feminista sensível às experiências das mulheres que mais sofrem com as consequências de várias formas de desigualdade social. Ao se voltar para uma análise focada na exclusão racial e de gênero de mulheres negras e indígenas, Gonzalez (2020) argumentou que o feminismo afro-latino-americano demanda atenção à interação entre as formas discriminatórias de raça, gênero e classe enfrentadas por essas mulheres. É exatamente esse reconhecimento identitário que fortalece as lutas de libertação, abrindo espaço para movimentos feministas étnicos, a exemplo dos feminismos negros. A perspectiva feminista afro-latino-americana abrange o potencial cultural e sociopolítico das mulheres descendentes dos povos africanos e originários no processo de transformação de suas realidades de injustiça.

Ao lado de pensadoras como Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, Gonzalez tornou-se uma pioneira do feminismo negro em solo brasileiro. Também precisamos reconhecer a legitimidade de Gonzalez como uma das pioneiras globais do conceito de interseccionalidade – mesmo que não tenha sido ela a criadora do termo cunhado pela teórica estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989) –, pois, como afirmam Flavia Rios e Alex Ratts no artigo intitulado “A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez”, “a articulação entre raça, classe e gênero está no centro do pensamento de Lélia Gonzalez” (Rios; Ratts, 2016, p. 297).

O feminismo afro-latino-americano pode ser cartografado em textos literários de inúmeras escritoras negras, entre as quais a poeta Cristiane Sobral, que considera a literatura um “grito de liberdade” e entende que, ao escrever, “monta um quebra-cabeça num exercício de imaginação e sensibilidade” (Côrtes, 2014, p. 257). Com sua poesia, Sobral explora a experiência de ser uma mulher negra com consciência e atitude, manifestando o emprego da escrita criativa como arma para alcançar o poder de (re)significar a realidade subalterna.

Se a poética de Sobral “se inscreve na vertente de uma busca pela inteireza do ser feminino” (Ferreira, 2011, p. 510), então o seu poema “Não vou mais lavar os pratos” oferece um lirismo épico para narrar o processo de ruptura individual com as estruturas sociais que oprimem as mulheres negras.

Não vou mais lavar os pratos
Nem vou limpar a poeira dos móveis
Sinto muito
Comecei a ler (Sobral, 2016, p. 16).

Regulamentado apenas em 2015 no Brasil com a Lei Complementar Nº 150, o trabalho doméstico é um dos mais duradouros legados da escravidão. Gonzalez (2020) ressalta que essa forma de trabalho é resultado da violência física e simbólica sofrida pelas mulheres negras na Casa Grande. Além das tarefas domésticas habituais, elas eram violentamente forçadas a prestar serviços sexuais aos escravizadores, donde o significado de mucama como amante escravizada. “Quanto à doméstica”, constata Gonzalez, “ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas” (Gonzalez, 2020, p. 81).

Ao enunciar uma espécie de manifesto antirracista e antissexista, a voz poética de Sobral reverbera um profundo senso de consciência e identidade, como se respondesse criativa e diretamente ao seguinte axioma: “O *lugar* em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (Gonzalez, 2020, p. 76). Essa versão do feminismo afro-latino-americano se configura como uma declaração poética de independência de um sujeito que enfrenta a persistência dos efeitos destrutivos de uma sociedade estruturalmente racista e misógina: “Aboli/ Não lavo mais os pratos [...] Está decretada a lei áurea” (Sobral, 2016, pp. 17-18).

Em sua epopeia contra as forças domesticadoras racistas que são subtexto no poema, a heroína encontra na leitura a arma mais poderosa para alcançar a grandiosidade de uma transição de um estado de não ser para um estado de ser, transformando, assim, a autoexpressão poética da mulher negra em um local de articulação de suas identidades. A Lei Áurea, que fez do Brasil o último país do hemisfério ocidental a abolir a escravidão em 1888, é renarrada pela agência de um sujeito feminino negro que proclama a emancipação das formas subsequentes de dominação de seu corpo, bem como a legitimação de sua autonomia, *vis-à-vis* todas as formas subtextuais de heteronomia. Portanto, constata-se na poética de Sobral a veracidade de uma nota etnográfica de Gonzalez: “a mulher negra não faz o gênero submissa” (Gonzalez; Hasenbalg, 2022, p. 46).

3 A escrita em pretuguês

A amefricanidade também carrega uma potência linguística, como pode ser observado no português falado no Brasil. Para Gonzalez, as marcas de africanização do português brasileiro modificaram a língua do colonizador a ponto de criar uma língua negra, que a teórica conceitua como pretuguês, ou seja, um português preto.

Esse é o caso dos seus aspectos tonais e rítmicos e da ausência de consoantes como o L ou o R. A influência africana no português brasileiro está visível “na pronúncia rica em vogais da nossa fala (*ri.ti.mo, pi.neu, a.di.vo.ga.do*), na nossa sintaxe (tendência a não marcar o plural do substantivo no sintagma nominal *os menino(s), as casa(s)*), na dupla negação (*não quero não*), no emprego preferencial pela próclise (*eu lhe disse, me dê*)” (Castro, 2011, p. 1). Nei Lopes (2012) também demonstra a presença de milhares de palavras de origem africana no português brasileiro. O fato de esse português africanizado ser predominante no Brasil reforça a tese de Gonzalez sobre o poder subversivo da amefricanidade.

O protagonismo da Mãe Preta na africanização do português brasileiro representou uma poderosa forma de descolonização linguística diante dos padrões normativos opressivos, pois “coube à mãe preta, enquanto sujeito suposto saber, a africanização do português *falado* no Brasil (o ‘pretuguês’, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira” (Gonzalez, 2020, p. 54). Assim, ao africanizar o português, a Mãe Preta realizou uma forma de descolonização da língua, tornando o pretuguês uma língua mais íntima e familiar em comparação com os padrões quase inatingíveis da chamada Norma Culta. Contudo, a articulação do pretuguês por parte de pessoas negras gera uma forma de discriminação linguística, que “é de fato uma via do preconceito racial no país, em seu caráter linguístico” (Nascimento, 2019, p. 55).

Como expressão linguística da amefricanidade, o pretuguês influenciou o estilo de autoras afro-brasileiras, a exemplo da precursora Carolina Maria de Jesus, cuja escrita é lida como ato de “insubordinação”, precisamente porque “fere ‘as normas cultas’ da língua” (Evaristo, 2020, p. 54). De Jesus emergiu com a publicação de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada em 1960, que retrata sua condição de mulher negra em uma favela, ou, em suas palavras, “o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 2018, p. 32).

Uma das características fulcrais dessa agência discursiva é o emprego de uma linguagem que pode ser identificada como pretuguês – tratado até por um paratexto redigido por algum editor de sua obra como “erros gramaticais” que “conferem maior realismo” (Jesus, 2018, p. 194). Atribuir a articulação literária da linguagem a um uso errôneo da língua constitui discriminação linguística exatamente porque o texto literário expressa sua dicção narrativa por meio da sintaxe pretuguesa: “... Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas” (Jesus, 2018, p. 20). Além de ser uma forma de discriminação linguística, trata-se de um equívoco na leitura crítica, como verifica Gabriel Nascimento, pois “[a]o invés de lerem a coesão e coerência de seu texto, a forma como suas personagens conversam e são construídas, passam a inscrever Carolina num desvio criado pela impressão racista de que apenas uma forma de falar português é correta” (Nascimento, 2023, p. 9338). Para explicar essa denegação, Gonzalez lança mão da pragmática e semântica do pretuguês em sua escrita ensaística, alcançando uma dicção própria.

Influenciado por Gonzalez, o escritor angolano Kalaf Epalanga, em *Minha pátria é a língua pretuguesa*, faz o seguinte prognóstico: “O futuro da língua portuguesa será brasileiro e africano; trocado por miúdos, o futuro da língua portuguesa será negro” (Epalanga, 2023, p. 189). A ensaística de Gonzalez emana do pretuguês, pois “seu próprio estilo” apresenta “uma composição textual que mistura o erudito e o popular, o banto e o português, o conhecimento acadêmico e o tradicional” (Rios, 2021, pp. 399-400), oferecendo uma dicção reflexiva tão singular quanto a dicção narrativa de Carolina Maria de Jesus.

4 Uma perspectiva tecnodiscursiva em torno de Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus: contrapúblicos amefricanos na esfera digital

Apresentamos uma experiência de pesquisa que consideramos ilustrativa da potência do pensamento e da trajetória de Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus, a partir da delimitação de embates no discurso digital, explorando práticas discursivas de nomeação das intelectuais e escritoras. Entendemos a prática de nomeá-las, a narração das trajetórias delas, a citação delas, seguindo as considerações do Valentin Volóchinov, do Círculo de Bakhtin, como formas de luta. “O signo”, afirma o autor, “transforma-se

no palco da luta de classes” (Volóchinov, 2018, p. 113). Para Volóchinov, o signo é parte da disputa social, “palco de embate dos acentos sociais vivos”, o que o torna vivo e mutável (Volóchinov, 2018, p. 113). Entendemos que as práticas discursivas que nomeiam Carolina Maria de Jesus e Lélia González buscam intervir nas disputas sobre sociedade, culturas ladino-amefricanas e formas legitimadas de saber e narrar a memória do século XX no Brasil e nas Américas e seus sentidos individuais e coletivos.

Propõe-se o estudo da produção tecnodiscursiva em torno dessas intelectuais, retomando da análise tecnodiscursiva a consideração de que as práticas discursivas e os universos digitais se desenvolvem de forma recíproca, de maneira tal que as práticas discursivas transformam o entorno digital e são transformadas por ele (Paveau, 2021). Entendemos as práticas tecnodiscursivas em torno de González e de Jesus, da perspectiva da análise do discurso digital, não simplesmente como tematização da vida e da trajetória dessas intelectuais, mas explorando as regras sociais, raciais, de gênero, que definem quem, desde que lugar, a partir de que finalidades, em que espaços sociais e digitais, é capaz de nomear, lembrar, referenciar González e de Jesus (Deusdará; Rocha, 2021). Consideramos que as práticas discursivas digitais em torno dessas autoras negras dizem respeito ao encontro do textual com o institucional, às formas constituídas, às hierarquias sociais, genéricas e raciais que estruturam as plataformas, mas também às forças em jogo, às formas de resistência que emergem no interior das plataformas (Deusdará; Rocha, 2021). Nossa proposta de uma cartografia dos sentidos em torno delas objetiva traçar horizontes analíticos de forma a nos vincular ética e politicamente, de modo a enfatizar a dimensão da processualidade (Deusdará; Rocha, 2021). O conceito de contrapúblicos, cunhado pela pensadora feminista Nancy Fraser (1990), resulta importante porque implica pensar uma esfera pública múltipla e proliferante, em que públicos alternativos, subalternos e subordinados são capazes de formular sentidos alternativos, ampliando as possibilidades da contestação (Fraser, 1990). A partir dessa percepção, devemos pensar os discursos digitais em torno dessas intelectuais como arenas para a formação, desconstrução e disputa de sentidos sobre a sociedade, a cultura e a memória nas Américas.

5 Metodologias de captação de *corpus* nas plataformas digitais

A extração foi feita utilizando a Busca Acadêmica do Twitter, lançada em 2021, a qual permitia coletar *tweets* em arco histórico, desde 2009 até 2023, em múltiplas línguas. Coletamos *tweets* utilizando Twarc, um pacote de Python para coletar dados do Twitter desenvolvido por Documenting the Now (<https://github.com/DocNow/twarc>). Extraímos um total de 51.692 *tweets* em português, 961 *tweets* em espanhol e 1.920 *tweets* em inglês sobre Lélia González. As postagens vão de julho de 2009 até maio de 2023. Sobre Carolina Maria de Jesus, coletamos um total de 112.061 *tweets* em português, 21.210 *tweets* em espanhol e 2.282 *tweets* em inglês. As postagens vão de abril de 2009 até maio de 2023, quando a plataforma encerra o acesso acadêmico.

Para o processamento, utilizamos métodos quantitativos e qualitativos em Wolfram Mathematica, linguagem computacional que possibilita a construção de arquiteturas computacionais capazes de operar com espanhol e português, permitindo tomar decisões críticas com relação ao processamento computacional dos dados. Além disso, utilizamos Pandas, uma biblioteca de Python que permite processar documentos de grande tamanho através de sua interface no Jupyter Notebooks. Realizamos uma técnica de modelagem de tópicos, de modo a cartografar visualmente os temas mais relevantes nos *tweets* em diferentes idiomas sobre de Jesus e González. Para tanto, seguimos estes passos: 1. codificação das palavras de acordo com termos considerados significativos para o corpus; 2. “limpeza” de links, nomes de usuários, e outros caracteres não alfanuméricos; 3. eliminação de uma lista de *stopwords* (“palavras vazias”) em português e espanhol (frequentemente removidas no processamento computacional de texto em linguagem natural)¹; 4. implementação de um algoritmo capaz de obter as raízes de palavras em português e espanhol², a partir do qual criamos uma função capaz de obter o termo mais comum de uma classe de termos com a mesma raiz para cada língua.

Posteriormente, utilizamos a técnica de modelagem de tópicos chamada Nonnegative Matrix Factorization e Probabilistic Latent Semantic Analysis (PLSA). Utilizamos um pacote criado para Wolfram Mathematica que permite o mapeamento dos

¹ Disponíveis em <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stop.txt> e <http://snowball.tartarus.org/algorithms/spanish/stop.txt>.

² Disponíveis em <http://snowball.tartarus.org/algorithms/portuguese/stemmer.html> e <http://snowball.tartarus.org/algorithms/spanish/stemmer.html>.

Entre os tópicos mais relevantes sobre Carolina Maria de Jesus em português (figura 1), temos o tópico Escritora, que ressalta seu papel como escritora, compositora, poeta, autora de numerosos livros. Já o tópico Livro cita *Quarto de despejo* como central na obra da autora e detalha seu reconhecimento internacional, o sucesso de vendas do texto, sua tradução e circulação. O tópico Mulher traça paralelos entre de Jesus e Aline Souza, a mulher que entregou a faixa presidencial para Luiz Inácio Lula da Silva. Os *tweets* trazem de Jesus ao presente como testemunha das transformações culturais no Brasil. Lemos em uma postagem: “A catadora Aline Souza passou a faixa. Carolina Maria de Jesus chora de emoção na ancestralidade e eu aqui também. O Brasil, pela terceira vez, será presidido por alguém que já passou fome. #LulaPresidente”⁴. A postagem invoca a presença ancestral de Carolina Maria de Jesus, imaginando-a emocionada diante da cena. Estabelece-se um laço entre a visão ancestral da escritora emocionada e o sujeito enunciador, “e eu aqui também”, conectando a ancestralidade com o presente, o individual e o coletivo.

Por sua vez, o tópico *Honoris Causa* celebra a aprovação por unanimidade do título de Doutora *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a Carolina Maria de Jesus, com mais de 4.800 *tweets* sobre o tema, comemorando a honraria acadêmica póstuma. Os contrapúblicos celebram a transformação dos currículos acadêmicos e a inclusão de Carolina Maria de Jesus em um novo cânone intelectual, que considera a função social da universidade. Já o tópico Ossos diz respeito a uma série de postagens de 2021 e 2022, que citam de Jesus: “‘Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei a desmaiar.’ Carolina Maria de Jesus, Brasil, 1960. Mas poderia ser 2022”⁵. Na postagem, emerge a persistência das desigualdades sociais no Brasil – a vida com fome, com os ossos –, na qual, no entanto, eclode um sujeito agente, que luta, que resiste e denuncia.

⁴ https://twitter.com/cruz_elianalves/status/1609649973280534528.

⁵ <https://twitter.com/FaquiniLuciane/status/1534687170400866306>.

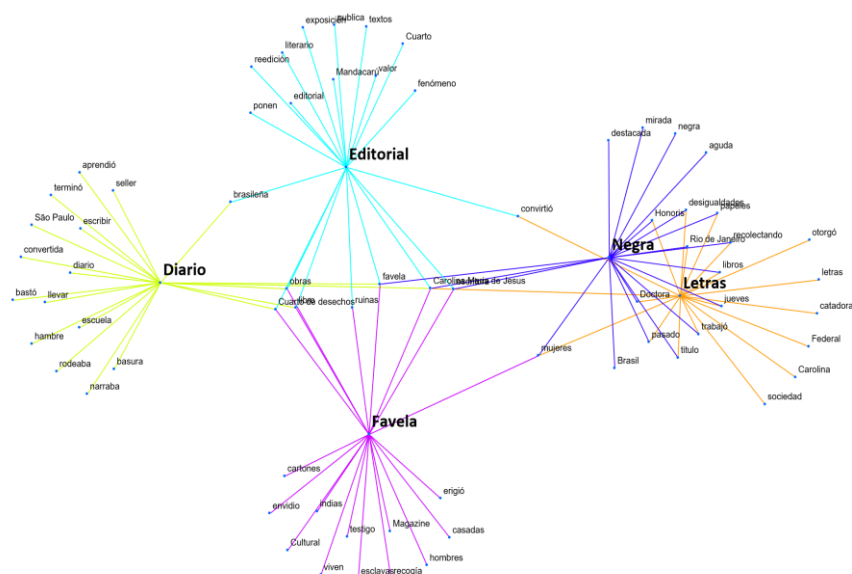


Figura 2. Modelagem de tópicos em espanhol sobre Carolina Maria de Jesus. Fonte: os autores e Wolfram Mathematica.

Já nos tópicos mais relevantes sobre Carolina Maria de Jesus em espanhol (figura 2), temos o tópico Editorial, que assinala a autora como um “fenômeno editorial” e um sucesso de vendas. Trata-se de uma série de postagens que divulgam matérias e exposições sobre sua obra e trajetória. Nesse tópico, aparece a palavra Mandacaru, que faz referência à reedição em 2021 de seu diário, junto de outras obras, pela editora alternativa de mesmo nome. O tópico Favela nucleia uma série de *tweets* que buscam alertar sobre o feminicídio através de uma citação de Carolina Maria de Jesus, em que ela é crítica do matrimônio como marcado por uma lógica violenta, repressora e escravizante para a mulher⁶. O tópico Letras aponta para a nomeação de Carolina Maria de Jesus como Doutora *Honoris Causa* da UFRJ, contribuindo para modificar o cânone literário no subcontinente. O tópico Diário indica a importância do seu diário, *Cuarto de desechos* – título da tradução em espanhol – para a construção de uma narrativa sobre as desigualdades sociais no Brasil e na América Latina. Finalmente, o tópico Negra chama a atenção para de Jesus como escritora negra, favelada, e divulga uma reedição de sua obra mais conhecida, junto de outros escritos, feita por uma editora alternativa na Espanha em 2023.

⁶ <https://twitter.com/femicidio/status/930118181452238850>.

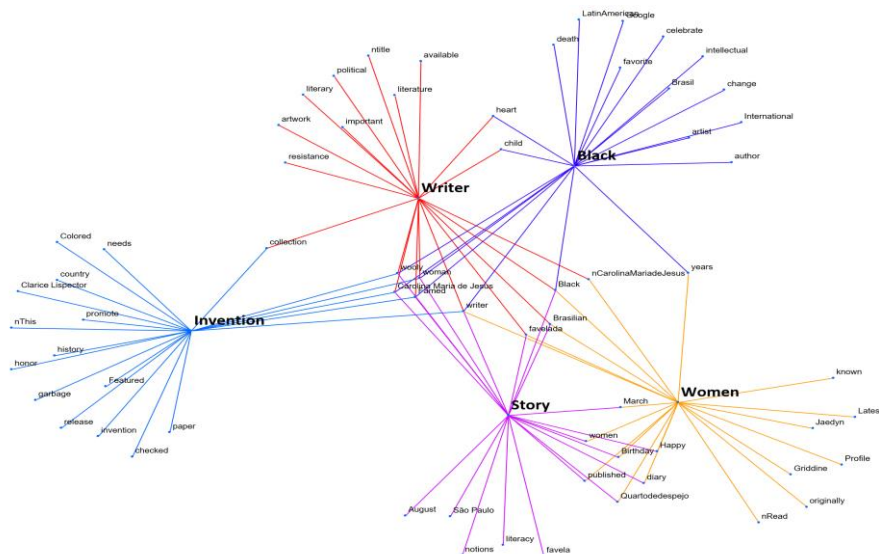


Figura 3. Modelagem de tópicos de tweets sobre Carolina Maria de Jesus em inglês. Fonte: os autores e Wolfram Mathematica.

Dentre os tópicos mais relevantes sobre Carolina Maria de Jesus em inglês (figura 3) temos o tópico Women, em que aparece uma série de tweets que celebram o aniversário da escritora, da conta *Black Women Radicals*, que promove a defesa e a liderança do feminismo negro. As postagens buscam divulgar a obra e a trajetória de Carolina Maria de Jesus entre o público anglófono, através do link para uma base de dados que inclui um perfil biográfico e intelectual da autora. Temos também o tópico Invention, em que há um grupo de postagens que mobilizam uma citação da autora, valorizando o livro como parte da vida intelectual do ser humano e, especificamente, das pessoas que moram nas favelas, dessa forma, quebrando estereótipos: “Reading Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus (diary of a woman living in the favelas of São Paulo, 1950s). ‘I don’t know how to sleep without reading. I like to leaf through a book. The book is man’s best invention so far’ ❤️” [Lendo Filha da Escuridão: O Diário de Carolina Maria de Jesus” (diário de uma moradora de favelas de São Paulo, anos 1950). “Não sei dormir sem ler. Gosto de folhear um livro. O livro é a melhor invenção do homem até hoje” ❤️]. O emoji do coração e a citação apontam para o livro como núcleo afetivo e forma de resiliência. Por sua vez, o tópico Story ressalta a importância da vida e a trajetória da escritora e sinalizam o caráter transformador da escrita caroliniana, tanto no sentido individual quanto coletivo. O tópico também reúne uma série de postagens que celebram o Dia Internacional da Mulher Negra e Caribenha, de coletivos dedicados a honrar e citar

as obras de mulheres negras, como o *Cite Black Women*. O papel de Carolina Maria de Jesus como intelectual, mulher negra e ladino-amefricana aparece em destaque, visibilizando uma trajetória e uma obra historicamente apagadas pelos cânones intelectuais e literários globais. Finalmente, o tópico Writer busca visibilizar e publicizar uma série de obras de arte digitais em torno da escritora feitas em março de 2023⁷. Uma fotografia de Carolina Maria de Jesus forma parte de uma *collage*, em fundo preto, com cores verdes e uma lua vermelha, em que a autora escreve em tinta vermelha, emblema de luta e trabalho intelectual, ao mesmo tempo que de resistência.

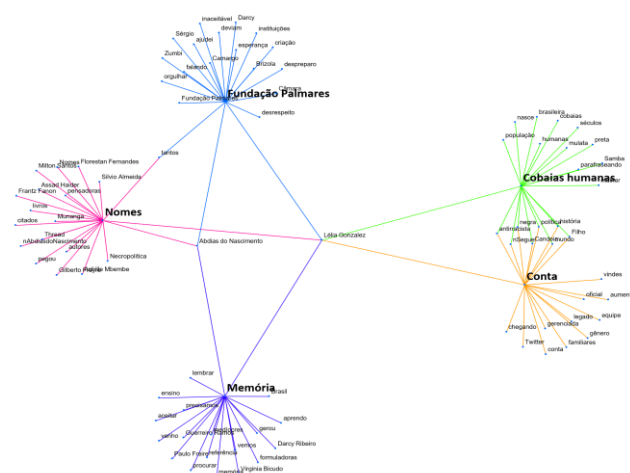


Figura 4. Modelagem de tópicos de tweets sobre Lélia González em português. Fonte: os autores e Wolfram Mathematica.

⁷ <https://objkt.com/tokens/KT1BQxiUgk7p1nTedFR2ym5WM7mZ4FQgiWd5/10>.

população negra, somos as cobaias do mundo há séculos”⁸. Trata-se de um conjunto de *tweets* da escritora com referências a Gonzalez que servem como afirmação da importância das vozes das intelectuais negras para dar conta dos sentidos que entrelaçam, na história brasileira, ciência, saúde e racismo, denunciando a reificação dos corpos negros. A paráfrase da célebre frase “o lixo vai falar, e numa boa” (Gonzalez, 2020, p. 78), previamente citada, resulta fundamental porque reforça a intervenção da intelectual negra e escritora nessa polêmica. O tópico Memória, por sua vez, reivindica a necessidade de lembrar, e recuperar o legado de Gonzalez para o Brasil atual, junto de outros intelectuais como Paulo Freire, Guerreiro Ramos, Darcy Ribeiro, Virginia Bicudo e Abdias do Nascimento. Em direção similar, o tópico Nomes funciona acumulando e citando nomes de intelectuais fundamentais para o pensamento social brasileiro sobre raça, racismo e antirracismo: junto de Lélia González, aparecem Silvio Almeida, Milton Santos, Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes, Achille Mbembe, Assad Haider e Frantz Fanon.

Trata-se de postagens que listam, acumulam e contribuem para a construção de uma biblioteca antirracista na plataforma digital, reconstituindo o cânone intelectual. Outro tópico, Fundação Palmares, contém termos de uma postagem de Benedita da Silva, intelectual negra e Deputada Federal pelo PT do Rio de Janeiro, que afirma: “É inaceitável q pessoas despreparadas agridam instituições como a Fundação Palmares, q ajudei na criação, deviam se orgulhar. Fora, Sérgio Camargo! E leve junto seu ódio, despreparo e desrespeito. Viva Zumbi, Lélia González, Abdias Nascimento e tantos outros. #VidasNegrasimportam”⁹. González, junto de Zumbi dos Palmares e Abdias do Nascimento “e tantos outros”, formam uma biblioteca, potencialmente expansível, de pensadores antirracistas brasileiros, mobilizados na direção da crítica à atuação do então presidente da Fundação Palmares e suas políticas.

⁸ https://twitter.com/cruz_elianalves/status/1375821424556978186.

⁹ <https://twitter.com/dasilvabenedita/status/1268176408217518082>.

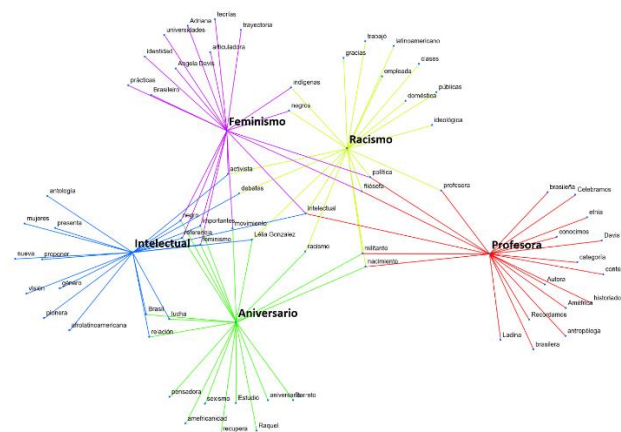


Figura 1. Modelagem de tópicos de tweets sobre Lélia González em espanhol. Fonte: os autores e Wolfram Mathematica.

Dentre os tópicos mais relevantes sobre Lélia Gonzalez em espanhol (figura 5), temos o tópico racismo, que nucleia uma série de *tweets* sobre racismo na América Latina. As postagens têm como intuito divulgar o pensamento e a obra de Gonzalez em espanhol, denunciar a falta de traduções e promover a tradução e edição da sua obra. No tópico Aniversário, aparecem *tweets* que celebram o aniversário do nascimento de Gonzalez, reafirmando a importância do seu pensamento e mencionando os conceitos fundamentais cunhados por ela. Já o tópico Intelectual enfatiza a atuação de Gonzalez como intelectual e seu papel no interior do pensamento feminista negro. Por sua vez, o tópico Feminismo nucleia uma série de postagens em espanhol em torno de perspectivas diversas no feminismo, que mobilizam Gonzalez na direção de um pensamento feminismo antirracista, decolonial e periférico. Já o tópico Profesora nucleia uma série de postagens que reivindicam o legado de Gonzalez como intelectual, política, professora e antropóloga brasileira e divulgam websites e outras bases de dados sobre mulheres intelectuais.



¹¹ https://twitter.com/Jairo_I_Funez/status/1585611654582222851.

antirracista e atuação como professora, teórica e antropóloga, com diversas citações de sua obra, traduzidas para o inglês. Por sua vez, o tópico Latinidade nucleia uma série de posts que questionam o uso do termo Latinidade e mobilizam o conceito de amefricanidade, cunhado por Gonzalez.

Conclusão

Apresentamos a experiência de constituição de um *corpus* de pesquisa em torno de Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus, que consideramos ilustrativo dos efeitos de sentido, dos embates e das vozes que emergem em torno de suas figuras, a partir de sua circulação em plataformas digitais em vários idiomas. No caso de Carolina Maria de Jesus em português, vemos que sua obra e trajetória oferecem um vocabulário para a compreensão da história do Brasil, a persistência das desigualdades sociais e raciais, mas em que há espaço para estabelecer laços e conexões entre a ancestralidade e o presente, o coletivo e o subjetivo. A trajetória e a obra de Carolina Maria de Jesus também apontam para a transformação dos currículos acadêmicos e a emergência de um novo cânone intelectual. Em espanhol e inglês, temos movimentos que impulsionam a leitura, a reedição e a tradução das obras da autora como referência do pensamento feminista negro nas Américas e na Europa.

Em relação aos tecnodiscursos sobre Lélia Gonzalez em português, permite-se discutir a persistência do racismo na sociedade brasileira e reativar uma biblioteca de intelectuais centrais para o pensamento social da América Latina acerca de raça, racismo e antirracismo. Já em inglês e espanhol, vemos também o interesse pela tradução e publicação de sua obra, a citação do seu pensamento e a mobilização da autora rumo a um pensamento feminista decolonial, central para formular críticas à ideia de latinidade.

Essas avaliações críticas de representações e práticas discursivas ampliam de forma significativa a compreensão das experiências de pessoas negras na sociedade contemporânea, reafirmando a potência epistemológica da amefricanidade nos discursos literários de/sobre negros e seus tecnodiscursos.

REFERÊNCIAS

- ANTONOV, Anton. Mathematica for Prediction Algorithms. In: *Mathematica for Prediction*. Dec. 2020. Disponível em: <https://mathematicaforprediction.wordpress.com/category/non-negative-matrix-factorization/>. Acesso em 25 abr. 2025.
- BARRETO, Raquel. Introdução: Lélia Gonzalez, uma intérprete do Brasil. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. pp. 14-30.
- BERGIS, Jules; SUMMERS, Ed; MITCHELL, Vernon. Ethical Considerations for Archiving Social Media Content Generated by Contemporary Social Movements: Challenges, Opportunities and Recommendations. *Documenting the Now*, April 2018. Disponível em: <https://www.docnow.io/docs/docnow-whitepaper-2018.pdf>. Acesso em 15 nov. 2020.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Marcas de africania no português brasileiro. *Africanias.com*, v. 1, pp. 1-7, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/5398>. Acesso em 6 de fev. 2021.
- CÔRTEZ, Cristiane. Cristiane Sobral. In: DUARTE, Eduardo de Assis (org.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. pp. 256-259.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, n. 140, pp. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em 6 de fev. 2021.
- DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise cartográfica do discurso*. Temas em construção. Campinas: Mercado de Letras, 2021.
- EPALANGA, K. *Minha pátria é a língua pretuguesa*. São Paulo: Todavia, 2023.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 48-54.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. pp. 132-142.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005. pp. 201-212.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.
- FELISBERTO, Fernanda; MIRANDA, Fernanda. Literatura negra. In: RIOS, Flavia; SANTOS, Marcio André dos; RATTTS, Alex (orgs.). *Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2023. pp. 217-221.

FERREIRA, Vera Lúcia da Silva Sales. Cristiane Sobral. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, v. 3. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. pp. 505-518.

FRASER, Nancy. Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy. *Social Text*, n. 25/26, pp. 56-80, 1990. Disponível em: https://carbonfarm.us/amap/fraser_public.pdf. Acesso em 6 de fev. 2021.

FREELON, Deen; MCILWAIN, Charlton D.; CLARK, Meredith. *Beyond the Hashtags: #Ferguson, #Blacklivesmatter, and the Online Struggle for Offline Justice*. Center for Media & Social Impact, Massachusetts, Feb. 29, 2016. D.O.I.: <https://doi.org/10.2139/ssrn.2747066>. Disponível em: <http://cmsimpact.org/blmreport>. Acesso em 6 de fev. 2021.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

GOLDSTONE, Andrew; UNDERWOOD, Ted. The Quiet Transformations of Literary Studies: What Thirteen Thousand Scholars Could Tell Us. *New Literary History*, v. 45, n. 3, pp. 359-84, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24542732>. Acesso em 1 abr. 2024.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2018.

JOSIOWICZ, Alejandra; DEUSDARÁ, Bruno. Análise tecnodiscursiva de manifestações em torno de D. Maradona: metodologias de delimitação de regiões do dizer no Twitter. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 17, n. 3, pp. 156-181, 2022. D.O.I.: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p57464>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/57464>. Acesso em 28 out. 2024.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

NASCIMENTO, Gabriel. O pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o português de Regina Dalcastagne: carta aberta à escritora Conceição Evaristo. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 20, n. 3, pp. 9332-9341, jul./set. 2023. D.O.I.: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e93199>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PAVEAU, Anne-Marie. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Ed. Pontes, 2021.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2021.

RIOS, Flavia. Notes on the Essay “Racism and Sexism in Brazilian Culture” / Notas sobre o ensaio “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. *WSQ: Women’s Studies Quarterly*, v. 49, pp. 395-406, 2021. D.O.I.: <https://doi.org/10.1353/wsqr.2021.0041>. Acesso em: 25 abr. 2025.

RIOS, Flavia; RATTIS, Alex. A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães Pinto (orgs.). *Pensadores negros - pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: Editora UFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. pp. 387-403.

SANTOS, Juana Elbein dos. 2016. *Os Nãgô e a morte: pàde, àsèsè e o culto égun na Bahia*. Trad. Universidade Federal da Bahia. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. 3. ed. Brasília: Garcia, 2016.

SOUZA, Elizandra. *Águas da cabaça*. São Paulo: Edição do Autor, 2012.

STEINSKOG, Asbjorn Ottesen *et al.* Twitter Topic Modeling by Tweet Aggregation. In: ASSOCIATION OF COMPUTATIONAL LINGUISTICS. *Proceedings of the 21st Nordic Conference of Computational Linguistics*. Gothenburg: Association for Computational Linguistics, 2017. pp. 77-86. Disponível em: <https://aclanthology.org/W17-0210>. Acesso em: 6 fev. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WEST, Cornel. Black Critics and the Pitfalls of Canon Formation. In: DAVIS, Robert Con; SCHLEIFER, Ronald (eds.). *Contemporary Literary Criticism: Literary and Cultural Studies*. Nova Iorque: Longman, 1998. pp. 51-56.

WANG, Yuan; LIU, Jie; HUANG, Yalou; FENG, Xia. Using Hashtag Graph-Based Topic Model to Connect Semantically Related Words without Co-occurrence in Microblogs, *IEEE Transactions on Knowledge and Data Engineering*, v. 28, n. 7, 2016. pp. 22-27. D.O.I.: <https://doi.org/10.1109/TKDE.2016.2531661>. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/7412726>. Acesso em: 6 fev. 2021.

Recebido em 15/05/2024

Aprovado em 28/04/2025

Declaração de contribuição de cada autor

Declaramos que os dois autores contribuíram integralmente em todos os seguintes aspectos: 1. Concepção e projeto e análise e interpretação dos dados; 2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; 3. Aprovação final da versão a ser publicada. 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer

O artigo demonstra adequação ao tema proposto, apresentando um objetivo explícito e coerente que se desenvolve ao longo do texto. A pesquisa revela conformidade com a teoria proposta, integrando conhecimento atualizado e biografias relevantes. De maneira original, a reflexão oferece contribuições significativas para o campo do conhecimento em estudos de teóricas/autoras negras brasileiras, promovendo discussões acadêmicas pertinentes sobre as interseções entre raça, gênero e classe. A linguagem utilizada atende às exigências próprias de um trabalho científico.

Observações complementares: Não tenho sugestões quanto ao conteúdo, que considero adequado. Fiz apenas marcações no arquivo em destaque “amarelo” de correções em palavras específicas. APROVADO

Wilma dos Santos Coqueiro – Universidade Estadual do Paraná – UEPR, Campo Mourão, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-6271-4744>; wilmacoqueiro@gmail.com

Parecer emitido em 04 de setembro de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara